

SEM REVISÃO

Carl Rogers. Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia I

Afonso H Lisboa da Fonseca, psicólogo.

affons@uol.com.br

O Carl Rogers que encontramos na culminância de sua obra, e de sua vida, era, de um modo evidente, superlativamente despojado, e despretencioso.

De várias formas. E aqui nos interessa no que concerne a sua atividade profissional, a suas concepções e método, e ao sentido ensaístico de sua produção escrita. Carl Rogers era, então, o empirista fenomenológico existencial por excelência; na tradição de Brentano. Fenomenológico existencial, dialógico, na tradição de Brentano, é fundamental que se qualifique. Mesmo que se pudesse observar a prevalência de toda uma teorização, metafísica, e mesmo retórica, da tendência atualizante, Carl Rogers já tinha ido além, no sentido do logos metódico de um empirismo humanista, fenomenológico existencial.

Desinvestido de qualquer pressuposto de condição e desempenho técnicos, na sua atuação. Destituído de aspirações científicas, pelo menos formais. Ou de veleidades práticas e pragmáticas. Destituído da crença na efetividade do teórico e da teorização, e do moralismo, ao nível do existencial.

Sua produção escrita, igualmente, perdera, cada vez mais, as veleidades especificamente teorizantes, explicativas, ou científicas; e, cada vez mais, se configurava como ensaística, brotando espontaneamente da experiência existencial, e vivência fenomenológico existencial, empírica, e experimental de seu trabalho.

Como meio e via de co-laboração na plasmação de metamorfoses e de destinos existenciais[1], o sentido do logos metódico de Rogers radicalizou-se, progressiva, e firmemente, numa postura de abertura para, e afirmação, da dialógica interhumana. Na afirmação das concretudes da existência -- na sua interação profissional e pessoal com a pessoa do cliente, e com o grupo. Firmemente ancorado em pré condições de respeito radical, pessoal e metodológico, pela diferença do cliente, e de respeito pela diferença e frescor de sua vivência empírico fenomenal, como imprescindíveis condições do privilegiamento desta dialógica interhumana, e de um modo de ser generativamente existencial, poético.

O quanto, e o como, nos acostumamos a ver a obstinação de Rogers, e de seus colaboradores mais imediatos, no privilegiamento radical da mera, nua, crua, e simples dialógica interhumana. Na vivência de sua relação com o cliente, ou com o grupo. Não raro, de um modo exasperante, caótico, desconcertante, irritante... Mas pacientemente elaborado, até que, como dizia Perls, o deserto começasse a florescer. Ou, como dizia John Wood, até que a orquestra se afinasse, e estivesse em condições de uma performance poética.

Mal entendido, muito mal entendido, foi Rogers, freqüentemente, em sua postura metódica. Mal entendido pelos de fora. E, freqüentemente, mal entendido por

muitos dos “de dentro”, que assumiam a incorporação de seu modelo. Estes, muito freqüentemente, pelo equívoco banal, e danoso, de confundir, e trocar, por motivos vários, o simples pelo simplório. Descurando do elementar, mas tão precioso, e sutilmente conquistado, empirismo humanista na relação inter humana, fenomenológico existencial, dialógico.

Substituindo a essência incontornável de vivência de incerteza, de vivência da confirmação da e interação com a diferença do outro, a vivência de desconcerto, não raro de desconforto, ou de conflito, inerentes à vivência deste empirismo inter humano -- fértil como tal à germinação da ação, da criação -- por metafísicas chulas e açucaradas, ao gosto e demandas do freguês; ou por atitudes retóricas e estereotipadas, ou meramente manipulativas.

Mal entendido pelos técnicos, Carl Rogers.

Técnicos que surpreenderiam, evidente e obviamente, a indigência de técnicas, de uma metodologia técnica, no paradigma rogeriano. Inscientes, talvez, de que Rogers já havia, de há muito, passado pela questão da técnica ao nível existencial das relações inter humanas. E entendido que a existência, em seu caráter fenomenal essencial de atualização de possíveis inéditos, essencialmente irrepetíveis em sua qualidade e processo, não é acessível à efetividade de competência da técnica. A existência, como observou Heidegger[2], resolve-se apenas existencialmente. E Rogers entendia isto muito bem e profundamente, e entendia a inefetividade, e mesmo o dano, sempre bem potencial, aos abusos de uma abordagem técnica em questões existenciais. Na verdade, foi esta uma primeira constatação e condições de método dos psicoterapeutas e psicólogos fenomenológico existenciais.

Mal entendido pelos científicos. Que não reconheciam no paradigma rogeriano, e em sua atividade profissional, a aplicação do método científico formal. Nem a aplicação tecnológica, por este paradigma, de um conhecimento elaborado através dos procedimentos científicos consagrados.

Rogers entendeu, que, da mesma forma que o paradigma técnico, o paradigma científico não dava conta da, nem se aplicava à, atuação ao nível do existencial. Na medida, em particular, em que o existencial se configura da ordem do modo humano de ser do poético, e não da ordem do epistemológico. Bem ao gosto de Nietzsche[3], Rogers entendia que o existencial não se conforma ao pressuposto científico da busca de verdades, pela vontade de conhecimento. Mas, mais propriamente, o existencial a-ventura-se, de um modo essencial, na criação do verdadeiro, como avaliação existencialmente constituída e desdobrada, o verdadeiro e a realidade existencialmente avaliados e abonados.

Mal entendido pelos moralistas. Especial e inconformadamente destronados.

Moralistas que, similarmente aos científicos, não encontravam no paradigma rogeriano a preocupação tradicional com a busca da verdade, com uma busca de adequação a verdades, ou a valores preconizados, nem com a transmissão, ou imposição, de verdades estabelecidas. Nem mesmo, inclusive, uma preocupação com o positivismo do real, ou com o princípio de realidade.

Os pragmatistas chocavam-se, certamente, com a enorme inutilidade e “desperdício” de tempo da metodologia vivencial rogeriana. Essencialmente incompatível com o prático; em especial, incompatível com o pragmático.

Sem advertirem-se, talvez, de que a existência humana -- eminentemente da ordem do poiético -- dá-se e desdobra-se, cria-se, engendra-se, resolve-se, ao nível de um humano modo de ser que não é da ordem do modo de ser no qual se dão o útil e a utilidade, o valor do prático e da pragmática. Ainda que deste poiético modo de ser provenham todos os úteis, e as suas utilidades.

Na verdade, como observa Buber[4], o modo ontologicamente existencial de ser, não só, não é da ordem do útil, e da utilidade, como não é, igualmente, da ordem dos fins e dos meios, não é da ordem do modo de ser da arbitrariedade, do modo de ser onde vigora a causalidade das causas e dos efeitos, dos meios e dos fins; nem mesmo é da ordem do modo de ser que entendemos como realidade, no sentido objetivo do modo de ser no qual vigora o eixo dicotômico das relações sujeito-objeto...

Para os teóricos... Para os teóricos, Rogers, a santa incoerência... Uma verdadeira metamorfose ambulante. Congenitamente ingênuo...

De vários tipos, os teóricos balançam desaprovadoramente a cabeça diante do paradigma rogeriano. Sem precatar-se de que, fundamentalmente, Rogers estava convencido de que, para lidar efetivamente com a condição humana, com suas questões, com suas crises, superações e crescimento, era imperativo direcionar-se, decidida e radicalmente, no sentido deste delicioso e ontológico modo existencial de sermos. Que é perfeita aderência à ação e ao devir fenomenais. E que, por definição, e radicalmente, não é da ordem do teórico e do conceitual. Não é da ordem deste específico afastamento desta ação e devir fenomenais, afastamento este que permite e constitui-se como contemplação teórica, que se configura como teorização e teoria.

Não que Rogers fosse um anti teórico. Nada disso. Rogers tinha uma grande consideração pela teoria e pela teorização. Está aí a sua obra escrita. Mas, ainda que interconecte-se, e interajam, cada coisa no seu lugar. O desafio de Rogers era lidar com a potência humana de superação, e as dificuldades existenciais neste processo de superação, lidando com clientes de psicoterapia, e de psicologia. Rogers entendeu que a atuação desta potência humana de superação dá-se exatamente no âmbito de um modo do modo de ser que é pré-teórico, pré-reflexivo, pré-conceitual. Na vivência deste modo de ser, a teoria e a teorização são supérfluos, de pouca valia, inefetivos, quando não perturbadores, repressivos e danosos. Este modo de ser demanda outras habilidades, análogas às de um dançante ou de um nadador, de um artista, em suas atividades.

Quanto a sua teorização, Rogers viu-se preso, e desafiado, na teoria e na teorização de um logos metódico, e de um modo de ser, radicalmente não teóricos, fenomenológico existenciais empíricos. Próprios da existência e da existencição, sua e de seus clientes, e dos participantes dos grupos que facilitava; próprios da dialógica inter humana interpessoal, e coletiva. E, coerente, e concernentemente, sua teorização vai se tornando cada vez mais despretensiosa, em termos especificamente teóricos, cada vez mais ensaística, à medida em que ele mergulha na perplexidade da vivência de atitudes comensuráveis com as qualidades fenomenológicas fenomenativas do próprio modo de ser da

existência.

E, longe estamos de dizer que o paradigma rogeriano não é teorizável, ou que não existe, na sua aprendizagem, reprodução, e recriação, uma dimensão teórica efetiva. Nada disso. Apenas é necessário colocar as coisas em seus devidos lugares.

Em primeiro lugar, afirmar que o ponto de vista teórico não é o melhor ponto de vista para a compreensão do paradigma rogeriano. Na verdade, é um paradigma impróprio. A teoria é possível, sim, inevitável, necessária, interessante. Mas trata, neste caso, da teorização de um paradigma cuja vivência é qualitativamente descontínua com a sua teoria.

Da mesma forma que contemplamos e imaginamos a água da piscina quando dela nos aproximamos. Outra coisa é mergulhar na água, vivenciá-la, e nadar, com ela interagir e desfrutá-la, das várias formas possíveis. O momentâneo mergulho exige, e implica, outras formas de conhecimentos e habilidades que própria e especificamente não são teóricos, ou teoricamente providos. São fenomenais, fenomenológico existenciais empíricos, fenomenativos, pré-conceituais, pré-reflexivos.

Por outro lado, para situar a sua teorização no contexto do seu paradigma, e do seu desenvolvimento, é fundamental entender a trajetória de Rogers. Dos contrafortes da ciência positivista norte americana, e do moralismo religioso puritano, em direção ao existencial, ao fenomenológico existencial. Trajetória que guardava em si, desde o início, o germe do fenomenológico e do empático, mas que careceu de configurar-se como uma imensa atividade de desconstrução científica, teórica, técnica, pragmatista, e prática...

De modo que quando Rogers culmina, em seu paradigma, com o privilegiamento da sua dialógica interhumana – ou interlógica diahumana -- de sua empática, um imenso trabalho de desconstrução e cascavilhamento já havia sido operado.

Creio que podemos dizer que, como não poderia deixar de ser, Rogers deixa a sua teoria bastante inconclusa. Na verdade, o ponto culminante de seu modelo é, num certo sentido, em termos teóricos, um ponto zero. Ele chega às proximidades do ponto zero de uma teoria do privilegiamento fenomenológico existencial empírico, nu e cru, da dialógica interhumana, como logos metódico de sua empática.

Podemos ver que, se, por um lado a sua teoria vai ganhando um caráter despretenciosamente ensaístico; e mesmo se são eventualmente flagrantes contradições, descontinuidades, com relação a um modelo, a uma ontologia fenomenológico existencial; por outro lado, a sua atividade profissional vai ganhando um caráter cada vez mais vivencial, cada vez mais empírico e experimental, num sentido genuinamente fenomenológico e existencial. Caráter que Rogers experimentou vivencialmente, de um modo intenso, em vários contextos, na psicoterapia individual, na vivência de grupo, na resolução de conflitos, na pedagogia... Ancorado, é certo, eventualmente, na metafísica de uma tendência atualizante, concebida em bases exorbitantemente biológicas, e apenas entrevista em seu caráter propriamente fenomenológico existencial de vivência da dimensão humana do possível, e de sua possibilitação.

Outro aspecto fundamental é o fato de que, em se tratando do existencial, do fenomenológico existencial, Rogers cabalmente entendeu que, se, por um lado, a questão não é da esfera do teórico -- já que o fenomenológico existencial é um modo de vivência anterior, e heterogêneo com relação, ao modo teorizante de ser --, do ponto de vista fenomenológico existencial, igualmente, a questão não é a de uma prática -- mas de uma poiética.

E isto é fundamental, e fundador, em termos do paradigma rogeriano. Na medida em que, como Rogers e a sua tradição entenderam, a existência, o fenomenológico existencial, não são nem da ordem do teórico, nem da ordem da prática. Mas, especificamente, da ordem do poiético. E o paradigma rogeriano configura-se, então, como um paradigma que não é da ordem da teorização, nem da ordem da prática, mas da ordem de uma poiética.

Assim é que esta vivência, caracteristicamente privilegiada pelo paradigma rogeriano, não se situa no âmbito da prática. Não se caracteriza como prática. E isto é um dos seus aspectos mais peculiares e definidores, e um dos aspectos mais peculiares e definidores do paradigma da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial.

A prática exige o caráter voluntário da “ação”. E o critério de sua avaliação é o da utilidade, em particular da utilidade para a sobrevivência. A característica principal do paradigma rogeriano é a da entrega ao vivido, ou seja, a entrega à espontaneidade generativa do vivido, com sua característica espontaneidade despropositual de vivência da força do possível, e da performance de sua atualização. Na vivência existencial não vigora a utilidade e a utilização características da esfera da prática. E a prioridade de sua força consoma-se na superação, e não, simplesmente, no primado da sobrevivência, da manutenção e da adaptação.

Interessante, atentar, assim, na compreensão do paradigma rogeriano, para as distinções entre os modos de ser teórico, prático e poiético, apontadas já por Aristóteles na sua divisão das ciências.

O teórico caracteriza-se pela representação, ou seja a re-apresentação de algo que se apresenta enquanto vivência fenomenal. E que, na representação, demanda, própria e exatamente, o afastamento deste modo de ser da vivência fenomenal. No seu sentido mais essencial teoria significa visão de um espetáculo[5]. Assim a teoria articula relações explicativas.

O prático[6] tem sempre o sentido de uma atividade voluntária que modifica o ambiente, tendo como critério o primado da utilidade, em particular a utilidade para a sobrevivência. Na esfera do modo prático de ser vigoram os úteis e as utilidades; e a efetividade da causalidade e dos meios e dos fins.

Uma das características mais distintivas assim do paradigma rogeriano é pois a de que não se trata do paradigma de uma atividade teórica, nem do paradigma de uma atividade prática. Ou seja, em sua essência não se trata do investimento em uma atividade de teorização, por parte do cliente ou do terapeuta, do facilitador; ou de aplicação de uma teoria. Da mesma forma, que não se trata de uma atividade prática. Ou seja, naquilo que lhe é mais essencial, o paradigma rogeriano não guarda o caráter de valorização do útil e da utilidade, ou o

caráter de ação voluntária que caracterizam a prática. Muito menos está orientado pelos princípios da adaptação, e da sobrevivência. O que lhe interessa é a espontaneidade generativa do modo de ser da vivência do possível e de sua possibilitação, como superação.

Em sua atividade, o paradigma rogeriano centra-se, não na contemplação do espetáculo da vivência do possível em sua possibilidade. Nem na contemplação dos possíveis acontecidos, objetificados.

Centra-se, sim, na própria vivência não dicotômica e integrada, na performance, do possível e de sua possibilitação, de sua atualização -- como atualização compreensiva, ou como atualização objetivativa. É a vivência empática, (em)patética, da ação -- como vivência do possível, e de sua atualização -- que caracteriza o paradigma rogeriano. Vivência, portanto, que não é nem da ordem do teórico, nem da ordem do prático.

De modo que a vivência característica do paradigma rogeriano é especificamente vivencial, e poética. Situando-se fora das pretensões, dos pré requisitos, da teorização, e da prática.

Longe de dizermos que este paradigma não tenha a sua eficácia. O que enfatizamos é que a sua eficácia é mais básica e abrangente, ao nível do existencial, ou seja: ao nível da constituição, do próprio engendramento, do sujeito, e do mundo. Engendramento poético, como vivida atualização despropositativa de possibilidades. Diferentemente da prática, ou mesmo de qualquer pragmática da “ação” voluntária, e do princípio de sobrevivência como prioridade criterial.

Com isto, mesmo que a teorização rogeriana discrepe, eventualmente, com relação a um paradigma fenomenológico existencial — em particular com relação a uma concepção biologizante da tendência atualizante, e uma concepção pobremente fenomenológica de compreensão —, a vivência experimental de Rogers evolui a passos largos, e firmes, no sentido empírico e experimental de uma abordagem fenomenológico existencial de psicoterapia e de psicologia. E, diga-se de passagem, exceção feita a Fritz Perls, ninguém foi tão longe quanto Rogers neste sentido.

2.

Carl Rogers. Sobre o sentido da concepção e do logos metódico de seu paradigma em psicologia e psicoterapia II

Não menos sério, e talvez até mais importante é o mal entendido de Rogers por parte de muitos dos que se consideram “de dentro” da abordagem do Rogers”. Isto porque, freqüentemente, as fontes da concepção e método de Rogers são mal compreendidas, ou mesmo desconhecidas. E sua abordagem é entendida como o modelo pronto do objetivismo ou da pragmática de uma certa tecnologia da compreensão, adotada de fragmentos açucarados de uma ideologia “humanista”.

A concepção e a metodologia de Rogers são muito refinadas. Não podemos nos iludir com o seu despojamento. Sobretudo, apesar de simples o seu método, não podemos cair no equívoco de confundir o simples com o simplório. A confusão do simples com o simplório se tornou quase que epidêmica entre os “centrados”. Na verdade, como estamos comentando, o despojamento da abordagem de Rogers operacionaliza um desinvestimento de posturas, de concepções, de métodos, de epistemologias, de ontologias, incompatíveis com o privilegiamento da dialógica fenomenológico existencial do interhumano. Incompatíveis com a sua empática. Foram-se, então, como observamos, os procedimentos técnicos, as pretensões científicas, o moralismo, o pragmatismo, as reflexões teóricas, a teoria e teorização, e mesmo as condições de uma prática, no modelo de sua concepção e método. Cascavilhando, Rogers buscava as condições que pudessem garantir o veio rico do privilegiamento da dialógica do interhumano, como concepção e como logos metódico de sua abordagem de psicologia e de psicoterapia.

Primeiro a não diretividade. Que é enriquecida pelas condições terapêuticas da compreensão empática, da consideração positiva incondicional e da genuinidade do terapeuta, na relação com o cliente. O privilégio da experiência. E, em seguida, a empática, patética, peripatética, do privilegiamento dos momentos de desdobramentos da dialógica do interhumano.

Carl Rogers experimentava, em um processo vigoroso, os fundamentos da concepção e método de uma psicoterapia e de uma psicologia fenomenológico existencial. Seu despojamento na verdade representava uma refinada apuração destes.

A psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial afirma-se e desdobra-se, no âmbito da cultura brasileira, e mundial, como um interessante recurso de assistência e trabalho psicológico e psicoterápico, e de produção cultural. Quer seja ao nível da psicoterapia, e nas áreas do seu desenvolvimento e diferenciação, quer seja ao nível do trabalho nas várias áreas da psicologia, que se diversificam cada vez mais, e, cada vez mais, ganham em importância.

Como, por exemplo, no trabalho de desenvolvimento comunitário, na empresa, na psicologia jurídica, no atendimento psicológico hospitalar, na mediação e resolução de conflitos, entre outras...

No que podemos entender como Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico existencial -- efetivamente emergente, assim, e florescente em nossos dias, com ricas e importantes possibilidades de fruição e de aplicação --, o trabalho de Carl R Rogers tem um inegável e monumental papel, fundamental, e fundador. É importante atentar para isso, uma vez que é seminal e essencial a relação deste trabalho de Carl Rogers com a psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial e com o seu desenvolvimento.

Não podemos deixar de atentar para a importância do trabalho pioneiro de L. Binswanger, ou de um M. Boss. E, a seguir, o trabalho de um A. Maslow, e de um R. May, no desenvolvimento desta perspectiva em psicologia e psicoterapia, inclusive no próprio desenvolvimento e formação de Carl Rogers. Mas coube a Rogers e a F. Perls o momento da caracterização e da prática experimental de concepções e metodologias fidedignamente fenomenológico existenciais, e, neste sentido, empírica, experimental, performática, e poético-hermenêutica.

Durante um certo momento, a teorização de Rogers, como não poderia deixar de

ser, atrelou-se aos vieses das psicologias e psicoterapias vigentes no meio cultural norte americano. Desde muito cedo, não obstante, é nítida a diferenciação do modelo rogeriano do hegemônico paradigma do empirismo objetivista vigente nos EUA. Creio que, teoricamente, apesar de algumas idas e vindas, Rogers evolui para uma crise conceitual, que morre na formulação do empirismo especificamente fenomenológico existencial e poiético-hermenêutico, que se configurava como característica forte de sua atividade, em particular da sua última fase. A escrita de Rogers vai se tornando cada vez mais ensaística, cada vez menos teorizante.

Creio que, de um modo importante, o trabalho de Rogers, a partir de um certo momento, e em significativas dimensões, deixa de receber simplesmente os influxos da psicologia fenomenológico existencial existente, e passa a contribuir, de um modo significativo, com o desenvolvimento desta, em particular com a sua prática experimental no âmbito da psicologia e da psicoterapia.

Em particular, como é notório, e característico, a sua abordagem foi assumindo um verdadeiro e corajoso strip tease fenomenativo existencial da teoria, da prática teorizante e conceitual (WOOD, J.) -- algo muito pouco visto --, e centrando-se de modo cada vez mais empírico e experimental (num sentido fenomenológico e existencial) (v. FONSECA,) no que podemos entender como o provimento experimental por parte do terapeuta, do psicólogo, do facilitador, do pedagogo, de condições hermenêuticas experimentais para que o cliente, o educando, o grupo, o participante do grupo, pudessem efetivamente interpretar -- aqui, segundo uma concepção fenomenológico existencial, especificamente (v. FONSECA,) --, a sua vivência, as suas questões existenciais, as suas possibilidades de ser, as suas possibilitações.

Bem observadas as coisas, não é só da teorização e da conceituação que Rogers vai, fenomenológico existencialmente, abrindo mão, em sua concepção e método. Fenomenológico e existencialmente, Rogers vai superando, progressiva e sucessivamente, em sua prática, o paradigma reflexivo em psicologia e psicoterapia, o paradigma técnico, o paradigma comportamental; vai superando, igual e sucessivamente, o paradigma científico, o paradigma moralista, o paradigma prático pragmático. Em privilégio de um paradigma fenomenológico existencial, de cuja elaboração (e, aí, entender o sentido essencial desta palavra) ele contribui decisiva e seminalmente. Um paradigma que podemos dizer fenomenológico existencial experimental, fenomenológico existencial empírico, dialógico, e poiético hermenêutico.

Assim, não se pode abordar o modelo rogeriano meramente a partir da sua teorização, ou mesmo da sua escrita ensaística. Fenomenológico existencial empirista, no melhor sentido da tradição de Brentano, é no desenvolvimento de sua prática, no seu método que reside a especificidade, e a riqueza, de seu modelo.

Na realidade, juntamente com Fritz Perls, Carl Rogers foi progressivamente assumindo um inquestionável papel de liderança no desenvolvimento da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial.

Pouca gente foi tão longe, e, em particular, tão fidedignamente, quanto Carl Rogers neste sentido.

Creemos que a história conceitual e metodológica da Psicologia Fenomenológico Existencial centra-se e centrar-se-á, cada vez mais, no provimento -- no âmbito da relação psicológica e psicoterapêutica -- de condições hermenêuticas para o processo da interpretação fenomenológico existencial, empírica e experimental por parte do cliente. Interpretação da força -- da posse -- do possível, constituído como vivido; e em sua ato ação. Num certo sentido, junto com Perls, fortemente bafejados neste sentido por Buber (), e por Nietzsche, Rogers parece ser um dos propositores maiores destas condições, em psicologia e psicoterapia. Fritz Perls, também, certamente. Com um outro estilo, com uma outra história, com outros pré-textos e textos mais ou menos teóricos.

De modo que Carl Rogers, e Fritz Perls têm, assim, efetivamente, um lugar bastante diferenciado na gênese, constituição e desdobramentos das Psicologias e Psicoterapias Fenomenológico existenciais que emergem e florescem em nossos dias, peçadas de interessantes e ricas possibilidades.

É importante que se distinga claramente esta contribuição, uma vez que ela é freqüentemente não notada, ou incompreendida. Em particular na medida em que freqüentemente se fala de Fenomenologia em Psicologia e Psicoterapia sem nenhuma, ou com pobre, referência a concepção e método. Quando os métodos de Rogers e de Perls, amplamente aplicados, apesar de suas limitações, em particular conceituais, coadunam-se e contribuem, diferenciada e significativamente, com o caráter fenomenológico e existencial, em particular com o empirismo e aporético e experimental, da metodologia em psicologia e psicoterapia..

Para entendermos a importância do trabalho de Rogers no desenvolvimento da Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial, é interessante esboçarmos o que entendemos por esta expressão.

[1] BUBER, Martin

[2] HEIDEGGER, M.

[3] MACHADO, Roberto... NIETZSCHE, F. GAYA CIENCIA,

[4] BUBER, M.

[5] LALANDE, André Vocabulário Teórico e Crítico da Filosofia. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

[6] op. cit.

Afonso H Lisboa da Fonseca (affons@uol.com.br)

<http://www.geocities.com/eksistencia/>

82 3770054/82 2218175/82 93061050.

Para entrar neste grupo: ListaACPBrasil-subscribe@yahoogrupos.com.br

Yahoo! Grupos, um serviço oferecido por:
PUBLICIDADE

Links do Yahoo! Grupos

Para visitar o site do seu grupo na web, acesse:
<http://br.groups.yahoo.com/group/ListaACPBrasil/>

Para sair deste grupo, envie um e-mail para:
ListaACPBrasil-unsubscribe@yahoogrupos.com.br

O uso que você faz do Yahoo! Grupos está sujeito aos Termos do Serviço do Yahoo!.